

Vilar é terra idílica que merece visita demorada. Se possível fosse olhar esta povoação centúrias antes, encontrar-se-ia um habitat distinto. Dele, há ainda hoje resquícios que fazem lembrar esse passado arcaico, virginal. Por aqueles oiteiros arriba, o soão é ainda quem mais brame, parecendo ora vozes a pedir misericórdia ora bocas desdentadas de feiticeiras a despique. O temporal abate ainda árvores, derroa ainda telhados e alaga ainda leitões que em noites luarentas acendem os charcos e deles fazem espelhos onde os santos espreitando pela janela do céu podem mirar os seus rostos fagueiros. O Inverno é isso e muito mais. Arrasa fontes, estruma os montes com os seus borrifos mas cerceia o alimento animal que só pelos carrapitos dos montes descobre fêvera para se desougar.

As épocas estivas e primaveris fazem esquecer as estações mais rigorosas. Acorda a aldeia, nesses períodos, envolvida em perfumes silvestres e ao cantar de alba dos passarinhos. O céu, apresenta-se límpido e para oriente as nuvens púrpura a que se chama “cabra esfolada”, prenunciam dia soalheiro que ao fim do dia coalha de fogo um céu toldado em tons laranja avermelhado. É nesta altura que o coração é testemunha ocular do encanto do vale onde desfila o Távora.

O rio que se estende no fundo no vale, outrora fronteira da Estremadura, além de panorama paradisíaco, num reboar constante de artilharias a trote, crescia até fenecer em leito maior. Alpondras e pontões serviam para o transpor, mas era a robusta ponte do Vilar, a maior sobre o Távora, o motivo que fazia parar os olhos mais ávidos de arte. Atribuída a sua construção ao conde D. Henrique, era imponente e formosa. Tinha de comprimento mais de cento e vinte metros, rondava os cinco de largura e pouco ficava aquém dos onze de altura. Nela fitavam-se quatro elegantes arcos protegidos por talha-mares. Foi em 1983 que se desmantelou este importante monumento, na sucessão das obras que despontaram na construção de uma albufeira destinada à produção de energia. Desaparecia assim um espécime arquitectónico com centúrias de história, por onde passaram aguerridas hostes, por onde passaram também ao longo dos anos formigueiros de romeiros devotos de N. Sra. da Saúde.

É no interior das cristalinas águas deste rio que se obtém a matéria-prima para a deliciosa calda de escabeche, gorda e profunda como cheia do Nilo, que afoga na caçõila boa dúzia de trutas, esses extraordinários salmonídeos que, segundo Aquilino, pediram a casaca aos marqueses de Luís XIV, para serem os janotas da água doce. Aprecia-se com broa de centeio, negra e crivada de olhos pequeninos, como se tivesse levado tiros de escumilha e com o vinho do Távora que passa a titilar nas goelas como os gorgolejos das águas bravias por entre as escarpas e as veigas.

O Vilar é terra de S. Bartolomeu, apóstolo. Dele há notícias em fontes e documentos antigos. Desde logo atestam a ancianidade do povoamento deste lugar as várias sepulturas escavadas na rocha, pertencentes aos alvares da nacionalidade. Foi D. Afonso Henriques quem outorgou a honra de Fonte Arcada ao aio Egas Moniz. Deve datar dessa altura o aparecimento do Vilar. Nas inquirições de 1258 já aparece nomeada esta terra que apenas no período moderno viria a ser freguesia, fruto do seu crescimento. Até então, pertencia a essa ilustre e donairoza terra que forjou o seu nome de uma Fonte Arcada ali erecta. Vilar de Fonte Arcada, assim se chamava. Era dessa multissecular povoação, da outra banda do Távora, que o cura da paróquia vinha apresentado no século XVIII.

O templo católico, voltado a poente, é longo e encontra-se cimentado num local arejado, em miradouro, que o permite ser fitado de longe. Serve-lhe um lance de escadaria que dá lateralmente acesso a um carreiro que conduz à reentrância coroada com torre, não muito alta e adossada ao telhado. O interior é fino e possui pormenores artísticos de incontornável valia. Consta que terão existido templos rupestres nas suas imediações. Em tempos realizava-se no adro uma feira anual com o nome do padroeiro. Outros templos possuiu esta terra, públicos e particulares, assim como sepulturas escavadas na rocha construídas no período medieval, designadamente no *Curaceiro*.

O Vilar foi sempre aldeia modesta, ainda que culta. De acordo com um rol da Inquisição datado de 1621, existiam aí 37 possuidores de livros. Em 1758 eram cento e dezasseis vizinhos os

que ai habitavam. Em 1855 o concelho de Fonte Arcada soçobrou às mãos da reforma administrativa e foi integrado no de Sernancelhe. Foi então que o Vilar passou a integrar o de Moimenta da Beira. Por esta altura fabricava-se aí telha e azeite, a que acrescia ser rincão farto em milho, centeio, linho, batatas, hortaliças e frutas. O vinho era em tempos especial, sendo designado de *dourozinho*. Estes são apenas alguns ecos de um passado maior à espera ainda de ser contado.